



PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM NO HORIZONTE DE NOSSA ÉPOCA

Silvia Amoedo

“O que importa afinal: viver ou saber que se está vivendo?”

(Clarice Lispector)

Os problemas cruciais de nossa época não diferenciam estruturalmente dos de outras épocas, apenas se revestem de outros saberes. Freud nos ensina que sempre devemos estar atentos aos propósitos da vida humana, ao que os homens desejam realizar na vida e ao mal-estar da civilização, causado pela hostilidade do mundo externo e pela insatisfação das relações humanas.

O homem busca alcançar a felicidade pelo princípio do prazer; a civilização, no entanto, é regulada pelo princípio da realidade, que pressupõe a renúncia pulsional. Dessa forma, o princípio do prazer está em desacordo com as exigências dos ideais culturais da sociedade, que impõem frustrações aos homens. O sujeito vive um antagonismo decorrente da renúncia às pulsões sexuais, às transformações e aos progressos controvertidos: nem vive feliz na civilização nem consegue viver sem ela. E Clarice Lispector, o que nos diz com sua escritura?

Ler Clarice Lispector é uma jornada profunda e intensa pela própria vida. Suas palavras têm o poder de despertar algo dentro de nós, incitando reflexões sobre nossa existência e nossa mortalidade. É como mergulhar em um oceano turbulento de emoções e pensamentos, ultrapassando os limites de nossa realidade. Uma experiência transformadora, que transcende as palavras e nos transporta para além do imaginável.

Como se deu meu encontro com Clarice Lispector? Realidade ou ficção? Pouco importa. Um dia, inesperadamente, alguém bateu à porta de minha vida. Meu coração adolescente disparou: quem será? Eu era tão cedo ainda. Apressadamente, corri para abrir a porta e fiquei sem palavras. Era Clarice Lispector, com seu primeiro livro, *Perto do coração selvagem*. Naquele momento, fiquei intrigada, perguntando-me o que aquilo significava, o que aquilo queria dizer. Toquei suavemente o livro, sentindo-o como se fosse pétalas de rosa deslizando entre meus



dedos. Ao folhear suas páginas, permiti que as palavras adentrassem minha alma, despertando um universo desconhecido em meu coração adolescente. Como seria um coração selvagem? Eu estava prestes a desvendar? Que seria do meu coração adolescente?

Naquele instante, Clarice Lispector se apresentou diante de mim, com sua escrita única, capaz de transcender os limites da realidade. Suas palavras tinham o poder de me transportar a um território obscuro, suscitando profundas reflexões sobre a existência e sobre minha própria condição. Fui tocada por uma liberdade que não sabia dizer, não sabia cantar, não sabia alcançar, não sabia ser... Mas deixei-me tocar assim mesmo. Foi quando encontrei meus mistérios nos mistérios de Clarice – de ser e estar no mundo –, quando o infinito se fez destino.

Atravessada pelos terremotos das paixões, pelas turbulências das razões, navegando pelos mares das emoções, compreendi que “ser livre era seguir-se afinal, e eis de novo o caminho traçado” (Lispector, 2019, p. 19). Seria capaz de tocá-lo? Desde então, nunca parei de buscar outros toques clariceanos, que me desdobram como uma flor na primavera e me aquecem nos invernos mais sombrios. Com o tempo, meu coração adolescente anoiteceu, mas os toques clariceanos permanecem, revigorando-me a cada novo amanhecer, acrescentando cores e profundidade a minha vida.

O renomado romance de estreia de Clarice Lispector, *Perto do coração selvagem*, foi publicado em 1943 [1944]. O icônico título nasceu a partir de uma sugestão do escritor Lúcio Cardoso, quando Clarice mencionou ter gostado de uma frase de *Retrato do artista quando jovem*, de James Joyce: “Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida” (Lispector, 2020, p. 552). Clarice prontamente acatou a ideia, e seu primeiro romance, publicado pela editora A Noite, foi laureado com o Prêmio Graça Aranha, no ano seguinte a sua publicação. *Perto do coração selvagem* recebeu ampla aclamação da crítica e marcou o início da carreira literária de Clarice Lispector, consolidando-a como uma das proeminentes e aclamadas escritoras brasileiras do século XX.

Nesse romance, Clarice rompe com a convenção dos capítulos tradicionais, optando por uma estrutura fragmentada e entrelaçada, que não segue uma cronologia linear. A narrativa transita



... alternando os tempos presente e passado na construção da personagem Joana, acompanhando-a desde a sua infância até a maturidade, personagem estranha, enfocada sempre a partir de uma procura de verdade interior, como ser humano, vestido com as capas da civilização e delas despido, como ser animal livre e selvagem” (Gotlib, 2013, p. 192).

Essa abordagem desafia a estrutura tradicional do enredo e convida o leitor a explorar o impensável, permitindo-lhe a construção de sua própria interpretação da história e a inserção de suas próprias vivências.

Perto do coração selvagem reflete as transformações sociais e culturais da época em que foi escrito, há 80 anos. Surpreendentemente atual, a obra aborda questões como a emancipação feminina, a busca pela identidade, a necessidade de encontrar um sentido e um lugar no mundo e, sobretudo, a intrínseca relação com a palavra. Essas questões ressoam no horizonte de nossa época, convidando-nos a pensar sobre nossa própria existência e sobre a importância de nos conectarmos com a palavra como isca: “... a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra – a entrelinha – morde a isca, alguma coisa se escreveu” (Lispector, 1998, p. 21-22).

Para Clarice Lispector, a inspiração não era uma fonte externa da qual o poeta se aliena, mas um conjunto inextricável de situações existenciais e sociais nas quais ela se movia, com diferentes emoções. Era dessa confrontação permanente consigo mesma que ela arrancava suas palavras e inventava suas ficções. A inspiração estava intimamente ligada a sua busca interior, e não era vista como um estado de alienação ou transe, mas como algo profundamente conectado a sua própria experiência de vida e a sua responsabilidade.

Com a personagem principal, Joana, somos levados a explorar a complexidade do ser humano e à busca pela liberdade e autenticidade. É uma narrativa intensa que nos confronta com nossas próprias emoções e nos leva a questionar o lugar que ocupamos no mundo. A escrita introspectiva e poética de Clarice Lispector nos convida a mergulhar em nossa própria interioridade, confrontando-nos com nossos medos, desejos e angústias.

Joana escutava coisas que certamente haviam acontecido antes de ela nascer. Às vezes, nem eram coisas que acontecem, apenas palavras.



Um dia, Joana fez uma pergunta a sua professora: “O que é que se consegue quando se fica feliz?” (Lispector, 2019, p. 27). A voz de Joana era clara e fina. A professora olhou para ela e pediu que repetisse a pergunta. Joana, então, repetiu a pergunta com obstinação: “Queria saber: depois que se é feliz, o que acontece? O que vem depois?” (ibid., p. 27). A professora ficou surpresa com a pergunta e respondeu: “Que ideia! Acho que não sei o que você quer dizer, que ideia! Faça a mesma pergunta com outras palavras...” (ibid., p. 27). Então Joana reformulou a pergunta: “Ser feliz é para se conseguir o quê?” (ibid., p. 27). A professora então perguntou o que Joana queria ser quando fosse grande, e Joana disse que não sabia. Por fim, a professora pediu que ela pegasse um pedaço de papel, escrevesse a pergunta que havia feito e guardasse por muito tempo. Disse que quando Joana fosse grande, deveria ler a pergunta novamente.

Apesar das dificuldades, Joana encontrava muitos motivos de alegria, “alegria sem riso, séria, profunda, fresca” (Lispector, 2019, p. 45). Ela se descobria no próprio ato de falar, com seus pensamentos acompanhando suas palavras. E gostava de brincar de sonhar. À medida que os sonhos se adensavam e ficavam mais complexos, eles também adquiriam cores e detalhes que eram difíceis de ser traduzidos em palavras. Ou seja, os sonhos da personagem se tornavam cada vez mais vívidos e ricos, mas também mais desafiadores quanto a serem expressos verbalmente.

Joana tinha o hábito de criar novas relações e possibilidades a partir de qualquer situação ou comentário. Ela não era obrigada a seguir o passado e, com uma palavra, podia inventar um caminho de vida, mesmo com seu marido, Otávio, cuja possibilidade mais próxima era ligar-se ao que já acontecera. Quando ela fazia comentários mais profundos, não conseguia criar uma conexão com ele e acabava gerando um intervalo entre os dois. Talvez porque ela não soubesse brincar ou lidar bem com essa falta de sintonia; mas ela amava Otávio do seu jeito de “apanhar gravetos”. “Dentro de si era como se não houvesse a morte, como se o amor pudesse confundi-la, como se a eternidade fosse a renovação.” (Lispector, 2019, p. 32)

Na questão do amor, o encontro é sempre falho: não há coincidência entre o que o amado possui e o que falta ao amante. O que se ama é o objeto, associado à função daquilo que é amado, o ser do objeto – aquilo que escapa à linguagem –, e não um sujeito. Segundo Lacan, “... o amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque



ele ignora que é apenas o desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos (...) sexos” (Lacan, 1985, p. 14).

Joana acredita que viver a realidade é um modo de captá-la, mas considera que o sonho é mais completo que a realidade, a qual a afoga na inconsciência. Ela se questiona: “O que importa, afinal: viver ou saber que se está vivendo?” (Lispector, 2019, p. 66). Sente que tem as “palavras muito puras” (ibid., p. 66) e a “forma brilhante e úmida” (ibid., p. 66) dentro de si, mas não consegue encontrar exatamente o que quer dizer. Pede inspiração, pois tem quase tudo, apenas falta a “essência” – é isso? “O que deve fazer alguém que não sabe o que fazer de si?” (ibid., p. 66).

Podemos inferir, com Freud, que a falta da “essência” é o umbigo do sonho – a realização de um desejo infantil recalcado. Quando falta a “essência”, brota o desejo. Este é indestrutível, pois jamais poderá ser plenamente satisfeito. Isso porque não há um objeto específico que o satisfaça; sua satisfação será sempre parcial, o que implica seu infundável retorno – que não é o retorno do “mesmo”, não é a repetição continuada de algo que se apresenta sempre como idêntico a si mesmo; é, na verdade, um eterno retorno da diferença.

Então, que deve fazer alguém que não sabe o que fazer de si mesmo? Essa falta de essência, esse vazio, é, justamente, o que inspira e mobiliza o desejo. É nessa lacuna que o sujeito pode reinventar-se, buscando novas formas de satisfazer esse desejo sempre insatisfeito.

Às vezes, Joana ouvia palavras estranhas e loucas de sua própria boca. Mesmo sem entendê-las, elas deixavam-na mais leve, mais liberta. Joana sabia da distância que separa os sentimentos das palavras. E o mais curioso, dizia ela, é “... que no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo. Ou pelo menos o que me faz agir não é, seguramente, o que eu sinto, mas o que eu digo” (Lispector, 1988, p. 19).

Joana busca no professor a palavra justa. Qual será essa palavra? Ela responde a si mesma, de forma misteriosa, que não é nada. Demonstra vontade de se manter aberta e receptiva ao que o professor tem a dizer, sem ter qualquer ideia prévia do que vai receber.



Um dia, Joana se libertou: nasceu nela uma inspiração branda e doce, como um amanhecer em um bosque. Entregue a essa inspiração, ela, de olhos fechados, começou a proferir palavras nascidas naquele instante, ainda tenras e frágeis. Eram sílabas soltas, sem sentido, que fluíam e se entrecruzavam, fecundando-se e renascendo em um novo ser, respirando. Falara... as palavras vindas de antes da linguagem, da fonte, da própria fonte. Ela se aproximou de Otávio, entregando-lhe sua alma, sentindo-se plena, como se tivesse absorvido um mundo inteiro. “Ela era como uma mulher” (Lispector, 2019, p. 134).

Freud não cessou de buscar compreender o que quer uma mulher, no entanto, até o final de sua vida, não conseguiu desvendar o enigma da feminilidade. Porém apontou a direção: “Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem a própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes” (Freud, 1933 [1932], p. 165). E o que nos diz Joana? A mulher era o mistério em si mesma. Havia em toda mulher uma qualidade de matéria-prima, algo que podia vir a se definir, mas que jamais se realizava, porque sua essência mesma era a de “tornar-se”. A experiência feminina é como um mistério em constante transformação, em que as palavras são “seixos rolando no rio”, incapazes de apreender a fluidez do ser.

Joana vivencia momentos de epifania, em que a imprecisão revela uma nitidez inacessível. Ela se afasta gradualmente de um mundo de formas e nomes fixos, mergulhando em uma região líquida, silenciosa e insondável. Recorda momentos de sua infância, na fazenda do tio em que a madrugada despertava sensações de aconchego e frescor, em contraste com sua casa sombria e o homem que a beijara

Numa profunda sensação de vazio, solidão e desamparo, Joana questiona sua existência. Ela tenta preencher o vazio que sente, buscando por Deus e desejando encontrá-Lo dentro de si. Tem a percepção de que sua vida escorre pelos dedos, rumo à morte, sem que ela possa fazer algo a respeito disso.

Por fim, Joana expressa o desejo de se libertar de Deus e estar “só”, encontrando sua própria força vital. Ela aspira a chegar a um estado em que suas ações sejam cegamente seguras, no qual não haja espaço para dúvida ou a influência



do passado. Sente vontade de atingir uma condição de pura criação, em que suas palavras e seus movimentos sejam fatais e inteiros, sem hesitação. Busca por uma existência plena, “maior do que na infância” (Lispector, 2019, p. 198) na qual não haja espaço para a noção de tempo, homens ou dimensões. Enfim, busca tornar-se “brutal e malfeita como uma pedra” (ibid., p. 198) leve e vaga como o que se sente e não se entende, transcendendo-se em ondas.

“O que importa afinal: viver ou saber que se está vivendo?” (Lispector, 1998, p. 66) Importa cumprir-se totalmente, sem nada que impeça seu caminho até a “morte-sem-medo”, levantando-se “forte e bela como um cavalo novo” (Lispector, 2019, p. 198) após cada luta ou descanso.

REFERÊNCIAS

GOTLIB, Nádia (2013). **Clarice: uma vida que se conta**. 7. ed. rev. São Paulo: Edusp.

LISPECTOR, C. **Todas as cartas**. Prefácio e notas bibliográficas de Teresa Montero. Posfácio de Pedro Karp Vasquez. Pesquisa textual e transcrição das cartas de Larissa Vaz. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2020.

____ (1998). **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco.

____ (2019). **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco.

FREUD, Sigmund (1933 [1932]). Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise. Feminilidade. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v. XVIII.

____ (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

LACAN, J. (1972-1973). **O seminário – livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.